



# MUSEU AO VIVO

Ano XIV - nº 24 - Maio a Dezembro de 2003 - Informativo do Museu do Índio/FUNAI



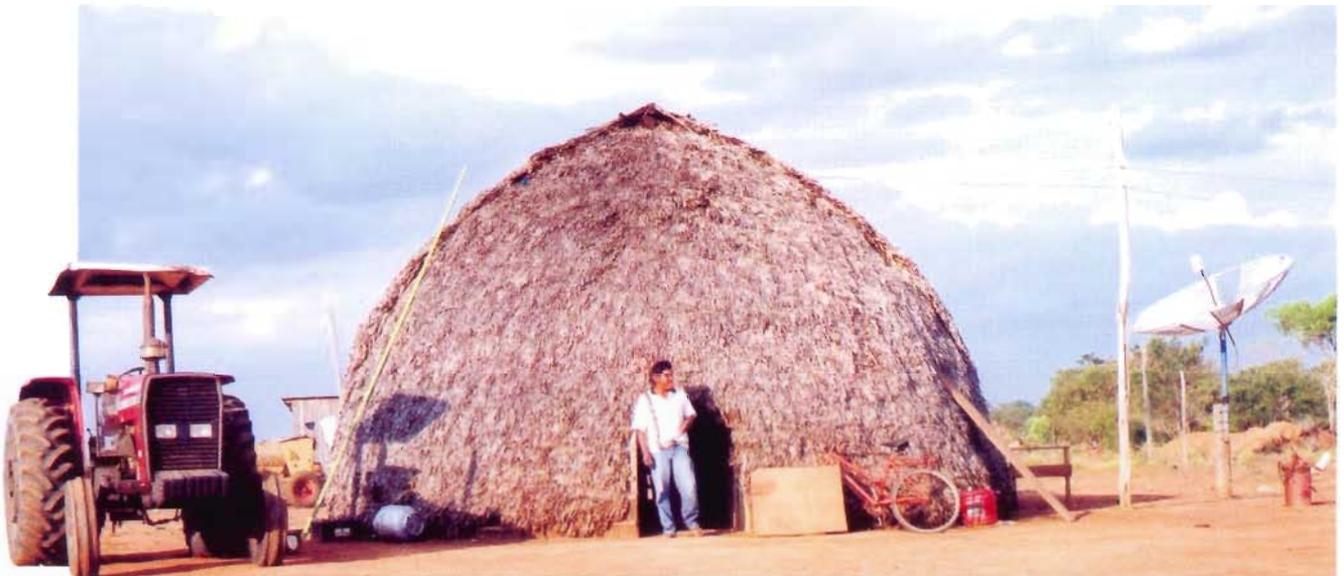
Índios Nambikwara (MT) - José Louro (1915-1982) - Arquivo M.I.



Índios Nambikwara (MT) - José Louro

## Imagens indígenas nas escolas do Rio

Página 3



Índios Feres (MT) - Nélio Garcia

### ESPECIAL

## Museu do Índio avança na informatização de seu acervo

Página 2

### PESQUISA



## Museu do Índio e Unesco registram línguas indígenas

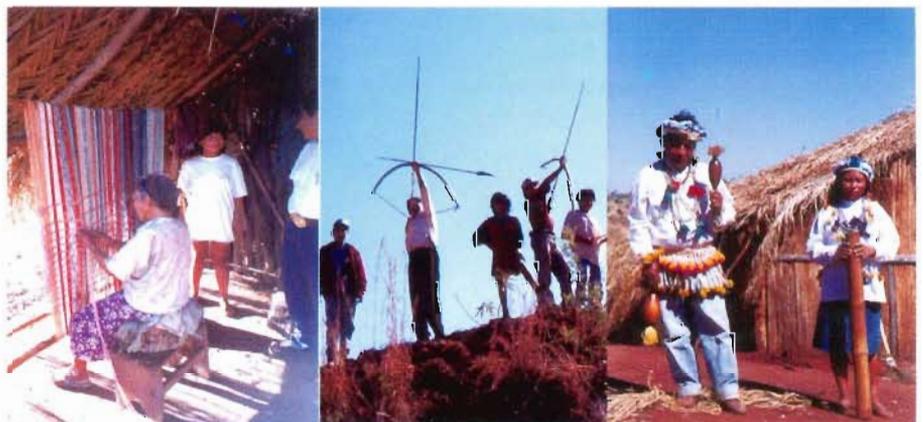
Página 4

### INFORMES



## Levantamento sobre os Kaiwá (MS) e vocabulário dos Umutina (MT)

Página 4



Índios Kaiwá (MS) - Fanny Muller

ISSN 1678-1309



## Consórcios de Acervos Digitais

O Museu do Índio iniciou neste segundo semestre uma nova e importante fase de sua vida institucional. Através da experiência adquirida como relator/sistematizador do eixo "Informatização de Museus" da Política Nacional de Museus, a ser implementada pelo Ministério da Cultura, constatamos, em levantamentos feitos junto a diferentes instituições, a necessidade de ultrapassarmos os limites de uma proposta de automação de instituições museológicas, como inicialmente estava previsto. Optou-se por constituir e colocar em prática um conjunto de medidas que deverão servir de referência a uma política de informatização de museus. Neste sentido, estabeleceu-se acordos de cooperação técnica, com instituições congêneres, visando ao compartilhamento da infra-estrutura e do conhecimento indispensáveis ao gerenciamento de bases digitais. Pretende-se, portanto, com a criação de consórcios de Acervos Digitais, experiência já utilizada em outros países, racionalizar os altos custos de atualização de equipamentos e programas, criar condições seguras de utilização desta tecnologia e, principalmente, ampliar o seu acesso.

### A Direção

## MUSEU AO VIVO

Ano XIV - nº 24 - Maio a Dezembro de 2003  
Informativo Museu do Índio/FUNAI

Editado pela Seção de Comunicação Social  
Museu do Índio/FUNAI

Presidente da Funai  
**Mércio Pereira Gomes**

Diretor do Museu do Índio  
**José Carlos Levinho**

**Jornalista Responsável:** Cristina Botelho (Reg. Prof. 18.678) **Redação:** Cristina Boeckel, Cristina Botelho, Rosângela Abrahão **Revisão:** Cristina Boeckel, Cristina Botelho, Fabiane Chiesse, Rosângela Abrahão **Consultoria Técnica:** Arilza de Almeida **Seleção de Fotos e Tratamento de Imagens:** Gê Stancke **Programação Visual:** Bernardo Lac **Tiragem:** 5 mil exemplares

Rua das Palmeiras 55 Botafogo - RJ, CEP 22270-070  
comunicacao@museudoindio.org.br  
www.museudoindio.org.br

*Museu ao Vivo não se responsabiliza por conceitos em matérias assinadas ou entrevistas.*



## Museu do Índio começa nova etapa de digitalização de seu acervo audiovisual

A Vitae Apoio, à Cultura, Educação e Promoção Social financiou a compra de novos escâneres, mais modernos e potentes, para a digitalização em alta resolução do acervo fotográfico que compõe o fundo Serviço de Proteção aos Índios. Na primeira fase do projeto, estão sendo digitalizados os negativos de nitrato de prata, bastante deteriorados pelo tempo e pelo manuseio constante. O trabalho inclui a seleção, a organização e a indexação dos negativos/fotos a serem digitalizados. Esse material passa, então, pelo escâner, que vai copiá-lo para o computador, onde vai ser revisado e



Basta um click no desenho da maquininha fotográfica para acessar o acervo de imagens do Museu do Índio

reformatado de acordo com as especificações necessárias para que seja incluído na base de dados do Museu. Das cerca de 20 mil imagens que compõem o fundo S.P.I., sete mil já estão devidamente digitalizadas, catalogadas, e disponibilizadas para pesquisa na internet ([www.museudoindio.org.br](http://www.museudoindio.org.br)) e 18.396 foram digitalizadas, catalogadas, e devem ser inseridas na base de dados em breve.

Os documentos fotográficos produzidos pelo S.P.I., no início do século passado, registram o dia-a-dia das atividades desenvolvidas pelos agentes do governo federal junto às comunidades indígenas Kaingang, Kadiwéu, Guarani, Umutina, Terena, Bacairi e várias outras, de todos os Estados do Brasil. A base de dados do MI conta com 2.295 entradas que facilitam a recuperação da informação

sobre as imagens que disponibiliza. Algumas entradas se referem a apenas uma fotografia, mas a maioria apresenta várias imagens. Por exemplo, se o pesquisador entrar em [dança do bate pau](#) e clicar no desenho da maquininha fotográfica, vão aparecer 28 fotos referentes ao tema. Também é possível ver trechos de filmes. Se digitar a palavra [Wanana](#), na busca por assunto, e clicar no desenho da maquininha, é exibida parte da película em 35 mm intitulada No Rio Içana, do fundo Comissão Rondon, datada de 1928, sobre os índios que viviam às margens do afluente do Rio Negro.

De acordo com a chefe do SRAV, Denise Portugal, quando terminada a digitalização do fundo S.P.I., os demais fundos receberão o mesmo tratamento. O objetivo é facilitar o acesso de pesquisadores e estudantes de qualquer parte do planeta às informações guardadas pelo Museu do Índio.

A digitalização de documentos é um instrumento importante na divulgação e preservação de um acervo, além de facilitar o acesso, a reprodução para

atendimento a pesquisadores e a elaboração de publicações, entre outras ações. Assim, um número cada vez maior de pessoas pode conhecer o acervo da instituição, de forma ampla e democrática, enquanto os originais são preservados para as futuras gerações.

Também dentro da política de preservação do Museu do Índio, está o projeto de restauração do álbum "Linhas Telegráficas Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas: photographias da construção, expedições e explorações desde 1900 a 1922". O álbum, publicado durante as comemorações do centenário da Independência, reúne 795 fotografias produzidas a partir de uma série de estudos de caráter científico elaborada pelos mais importantes especialistas da época, que acompanhavam a Comissão Rondon.

## Exposição percorre escolas do Rio divulgando cultura indígena

Mostrar para alunos e professores que a questão indígena é atual e que o tema pode ser levado para as salas de aula. Essa é a proposta do Museu do Índio/Funai e da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro com o lançamento, em outubro de 2003, da exposição "Na Trilha da Comissão Rondon". A mostra percorrerá as escolas municipais da Cidade, divulgando informações sobre os povos indígenas brasileiros. O produto, de caráter multidisciplinar, possibilitará abordagens nas diferentes áreas do conhecimento. Assim, professores poderão discutir aspectos das culturas indígenas nas aulas de História, Geografia, Ciências, Matemática, Artes, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural e Português.



Índios Pareci (1881) Milton Góes

Índios Pareci (1881) Milton Góes



Índios Nambiquara (1881) José Lourenço 1915-1922 Arquivo MJI

A mostra apresenta 50 painéis com fotos do acervo do Museu do Índio, do início do século XX, feitas durante os trabalhos de construção de linhas telegráficas (1889-1930), chefiados por Cândido Rondon, que ligaram o Estado do Mato Grosso ao Estado do Amazonas e, conseqüentemente, ao resto do País. Há também imagens atuais do cotidiano dos povos Pareci, Nambiquara, Bororo e Umutina que tiveram contato com Rondon. A organização resultou da necessidade de proteger militarmente as fronteiras brasileiras, favorecer o progresso econômico e realizar pesquisas científicas.

Também é objetivo do projeto mostrar para os estudantes que os índios são portadores de uma cultura e, portanto, de identidade diferenciada. E ainda que usem roupas, relógios, celulares, máquinas de costura, panelas, ou assistam à televisão, não deixam de ser índios. - "É o modo como a pessoa pensa, se insere e se

relaciona com os outros e com o mundo que forma a sua identidade cultural. A inclusão de fotos contemporâneas de algumas sociedades indígenas na exposição busca enfatizar a questão da persistência de padrões da cultura tradicional ao lado do uso cotidiano de tecnologias modernas. Esses povos que participaram dos trabalhos da Comissão Rondon, hoje, seguem a trilha de suas histórias, enfrentando com criatividade e coragem os desafios do futuro."-, explica o antropólogo José Carlos Levinho, diretor do Museu do Índio.

"O projeto 'As Estratégias do Olhar: o acervo fotográfico da Comissão Rondon', apresentado pelo Museu do Índio à Diretoria de Educação Fundamental da Secretaria Municipal de Educação, foi recebido com muito carinho, não só pela beleza deste acervo, como pela maravilhosa oportunidade de realizarmos uma exposição itinerante com ele, em escolas da rede municipal. Temos a certeza de que estaremos contribuindo para a compreensão da história deste país, notadamente dos nossos índios, sob uma perspectiva conceitual coerente com os princípios histórico-pedagógicos que fundamentam o Núcleo Curricular Básico Multieducação. Este acervo, após sua itinerância, fará parte do nosso Centro de Referência, podendo ser utilizado, ainda, como exposição temporária." – afirma Henrique Freitas, supervisor de Projetos Culturais da

Índios Nambiquara (1881) José Lourenço



Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

A Comissão produziu fotos, filmes e relatórios que descrevem, detalhadamente, o ambiente e os povos indígenas encontrados. Grande parte desses registros estão no



Índios Bororo (1881) José Lourenço

Museu do Índio e contam a história da consolidação do território brasileiro, das comunicações, da fotografia e do cinema no Brasil e, principalmente, das relações do Estado brasileiro com os índios. Para a antropóloga Arilza de Almeida, chefe do Serviço de Atividades Culturais e Divulgação do Museu do Índio, a exposição deve ser vista criticamente e, talvez, servir de apoio à reflexão sobre a diversidade cultural presente no Brasil e as relações que se estabelecem entre as sociedades. - "Na Trilha da Comissão Rondon abre caminho para diferentes leituras e olhares, cruzando-os e puxando os fios de uma rede mais ampla de saberes presentes no cotidiano escolar."- conclui Arilza.

## Valorização e registro das línguas e da cultura indígena brasileira

Jaqueline Medeiros de França

O que são línguas indígenas? Quantos povos e quantas línguas nativas existem? Essas indagações incitaram à construção de um vocabulário básico das línguas indígenas do Brasil, que fosse acessível a todos e que pudesse esclarecer e divulgar, de forma sistemática, alguns conhecimentos sobre a pluralidade Lingüística, a expressão e a constituição da diversidade sócio-cultural. A idéia é também buscar soluções para os idiomas que estão em perigo de desaparecer. O trabalho conta com a participação ativa dos índios, interessados em apresentar a sua língua, seus costumes, sua cultura. Eles entendem que é uma oportunidade de se fazerem conhecidos. O vocabulário está disponível na base de dados do Museu do Índio, via internet.

A sociedade, os mitos e os saberes indígenas ainda permanecem desconhecidos. As línguas indígenas encontram-se num processo de desaparecimento. A tarefa de documentar essas línguas se faz urgente. Com o levantamento lingüístico, as etnias indígenas serão representadas e conhecidas, as línguas serão registradas e os índios poderão ter informações sobre a situação de sua língua em relação a outras. O projeto prevê um vocabulário básico composto de 380 termos que, inicialmente, será adaptado para as línguas de 13 povos indígenas.

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) vem trabalhando em parceria com o Museu do Índio/FUNAI, visto que os princípios de ambas instituições se interagem na busca de soluções e aplicações para resgatar a língua e a cultura dos povos indígenas brasileiros.

Há no Brasil, aproximadamente 180 línguas indígenas, divididas em 206 etnias. A maioria das línguas indígenas do Brasil faz parte de um dos cinco grupos maiores do país: Tupi, Macro-jê, Karib, Aruak, e Pano.

Este projeto é um instrumento de divulgação e pesquisa que favorecerá o conhecimento sobre a diversidade lingüística e cultural dos povos indígenas brasileiros. O projeto visa, também, ao aprimoramento dos métodos e técnicas de documentação lingüística e estudos comparativos. Ele deverá ser realizado em colaboração com consultores indígenas e



Entrevista com índio Umutina (MT)

profissionais especializados na área de lingüística indígena. O objetivo principal é divulgar essa diversidade para um público amplo, estimular o interesse científico, e, quem sabe, novos pesquisadores.

A construção de um vocabulário básico por intermédio de uma *homepage* prima solucionar, em grande parte, as dúvidas existentes sobre as línguas indígenas. Quanto à estrutura da *homepage*, além de disponibilizar informações sobre as línguas indígenas (termo, tronco, família, língua e a transcrição ortográfica), o usuário contará com recursos áudio-visuais para aprender a escrita e a fala da língua pesquisada. A construção deste vocabulário básico é o início de um projeto que poderá se ampliar para incorporar informações gramaticais e sociolingüísticas, comentários etnográficos e lingüísticos, além de divulgar hipóteses fundamentadas sobre contato entre línguas.

Está previsto para dezembro o lançamento do CD-ROM, apresentando o projeto "Vocabulário Básico de Línguas Indígenas do Brasil", incluindo mapas, fotos, filmes e um verbete sobre cada etnia.

No futuro, o projeto pretende documentar todas as línguas faladas pelos índios brasileiros.

Consideramos esta iniciativa da UNESCO e do Museu do Índio/FUNAI fundamental à contribuição dos vários projetos de documentação das línguas indígenas brasileiras.

\*Lingüista a serviço do Museu do Índio

### Novidades no site

As peças do acervo do Museu do Índio que estão na página da Internet ([www.museudoindio.org.br](http://www.museudoindio.org.br)) estão com novas fichas. Elas trazem mais informações sobre cada objeto, sua procedência, os materiais de que foram feitos e quais são as suas funções no grupo indígena ao qual pertencem.

Também foram inseridas na base novas fotos de bonecas Karajá.

### Boletim Umutina

O Museu terminou de editar uma publicação que reúne material inédito sobre o vocabulário dos índios Umutina. Este material foi coletado por funcionários da Comissão Rondon em 1912, quando este grupo indígena foi contactado. Para Marcus Maia, professor adjunto de Lingüística da UFRJ, "a publicação destes registros tem o valor simbólico de devolver para os próprios Umutina parte da língua que lhes foi tomada em menos de um século da presença do Estado entre eles." Atualmente, o grupo conta com menos de 200 índios que vivem em uma área demarcada próxima ao município de Barra do Bugres, no Mato Grosso. E apenas um deles fala fluentemente o idioma indígena. Em breve, o boletim será lançado para o público em geral.

### 'A História dos Guarani Kaiwá'

Foi lançado em 23 de setembro, em Mato Grosso do Sul, o segundo volume da coleção "Fragmentos da história do Indigenismo". A obra, chamada de "Levantamento Histórico sobre os Índios Kaiwá", de autoria de Maria Elizabeth Brêa Monteiro, reúne registros históricos e pretende facilitar o acesso a informações necessárias aos índios na luta pelos seus direitos. O lançamento foi na Assembléia dos Índios Guarani (Atiguasu), em Poro Lindo, Mato Grosso do Sul.